

HISTÓRIAS

da Gente da Justiça

Pego na mentira

Ulysses Sousa (ASCOM/TJCE)

História contada pela oficiala de Justiça

Vanderni Freitas da Silva

“

Era novata na época e havia recebido a missão de citar o dono de uma grande empresa em Maracanaú, região onde eu atuava. No local, fui muito bem recebida, com simpatia e educação, pelo gerente da companhia. Ele me disse não ter autorização para receber a citação, somente o proprietário, que passava férias em São Paulo e demoraria para retornar. Era julho, acreditei. Na ocasião, o funcionário se comprometeu a me avisar quando seu chefe retornasse e até me ofereceu um presente. Explicou que era política da firma presentear visitantes. Agradei, mas recusei prontamente.

Passados alguns dias, recebi ligação de um advogado informando que o empresário por quem eu procurava estaria na próxima sexta-feira, às dez horas, em uma delegacia da região para prestar depoimento por conta de uma ação criminal. Confrontei o profissional com a informação que tinha recebido do gerente.
— Mentira! — declarou o causídico.

“Tudo bem”, pensei. Vou lá para me certificar. No tal dia, peguei uma topic para verificar a realizada. Naquele período, eu não tinha carro, utilizava transporte público para meus deslocamentos. No meio do caminho, recebo chamada telefônica do gerente da empresa, aquele que havia se comprometido a me comunicar quando o chefe estaria de volta a cidade. Disse que o patrão ainda estava em São Paulo, mas regressaria em breve. Novamente prometeu me avisar quando ele retornasse.

Cheguei à delegacia por volta das nove horas. Entrei, fui me apresentar à delegada, falei sobre toda a situação e questionei para ela a informação que tinha recebido do advogado sobre o depoimento. Era verdade. Pedi à policial para, no momento do depoimento, eu fosse chamada para poder realizar a citação.

— Tudo bem — concordou a agente da lei.

Decidi ficar esperando na entrada do prédio. Lá estavam dois grupos de pessoas em estado de animosidade, trocavam acusações. Briga de vizinhos, me falaram. Infiltrada naquele aglomerado, fiquei aguardando a oportunidade.

Às 10 horas, chegaram três carrões. O primeiro a sair dos veículos e entrar na delegacia foi o advogado do dono da empresa.

— Onde está a doutora delegada? Eu trouxe meu cliente, que não se furta ao chamado da Justiça — falava alto o profissional do direito.

Em seguida, pelo caminho aberto na multidão passaram o gerente e o empresário, este muito bem trajado com um terno sob medida e um perfume que ocupava todo o ambiente.

Passaram alguns minutos e o causídico retornou da sala da delegada e pergunta para as pessoas na entrada do recinto quem era a oficiala de justiça que desejava intimar seu cliente. Saio de trás dos vizinhos em conflito e me apresento: — Sou eu!

Realizei a citação sem conseguir olhar nos olhos, tamanha a vergonha que sentia pela mentira que me foi sustentada. Ele assinou e fui embora. Não tive coragem de olhar no rosto dele, mas eu me portei como uma lady.

Aquela foi minha primeira situação constrangedora por conta do trabalho. Tempos depois, voltei a citá-lo devido a outro processo. Ele quis rir. Acho que lembrou de mim.

Esse texto foi escrito nos padrões literários de crônica curta e é de livre criação do seu autor. Foi baseado em história contada por um(a) oficial(a) de Justiça do TJCE. Foram suprimidos alguns nomes verdadeiros, locais etc.

